

FACULDADE CATÓLICA DE ANÁPOLIS
LICENCIATURA EM FILOSOFIA

WESLEY RIBEIRO DOS SANTOS

PSEUDÓS: A IDEOLOGIA DE GÊNERO COMO ANTROPOLOGIA FEMINISTA

ANÁPOLIS – GO

2022

WESLEY RIBEIRO DOS SANTOS

PSEUDÓS: A IDEOLOGIA DE GÊNERO COMO ANTROPOLOGIA FEMINISTA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para obtenção do título de Licenciatura em Filosofia, sob orientação do Prof. Me. Gessione Alves da Cunha.

ANÁPOLIS

2022

FOLHA DE APROVAÇÃO

WESLEY RIBEIRO DOS SANTOS

PSEUDÓS: A IDEOLOGIA DE GÊNERO COMO ANTROPOLOGIA FEMINISTA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Católica de Anápolis, como requisito essencial para obtenção do título de Especialista em Docência Universitária, sob orientação do Prof. Me. Gessione Alves da Cunha.

Data de aprovação:

____/____/____

BANCA EXAMINADORA

ANÁPOLIS – GO

2022

*Dedico o presente trabalho a Deus,
e a todos os homens e mulheres de boa vontade.
Agradeço aos amigos e familiares que sempre
me apoiaram por gestos, palavras e orações.*

*“Et creavit Deus hominem ad imaginem suam;
ad imaginem Dei creavit illum;
masculum et feminam creavit eos.”*
(Gn 1, 27)

(E Deus criou o homem à sua imagem;
criou-o à imagem de Deus;
homem e mulher ele os criou.)

RESUMO: o movimento feminista diz lutar pelos direitos e pela valorização da mulher. Contudo, surge o questionamento: será mesmo este o real objetivo de tal movimento? O presente trabalho abordará a temática da ideologia de gênero como um modo de enxergar a realidade presente no movimento feminista. Como o feminismo usa de suas pautas reivindicadoras – pautas estas que muitas vezes são verdadeiros sofrimentos que a mulher possui na sociedade atual – para no fundo, espalhar a ideologia de gênero e alcançar assim uma destruição da concepção de homem e mulher. Foi usado para alcançar tal objetivo a leitura de vários autores que abordaram tal tema, e como fundamento base ter-se-á a escritora e professora de história, a Deputada Estadual do estado de Santa Catarina, Ana Caroline Campagnolo. Enfim, serão apresentados os erros metafísicos que incorre tal ideologia e suas consequências para a sociedade, cujo ápice é a aniquilação da ideia da diferenciação sexual do homem e da mulher.

Palavras-chave: Feminismo. Ideologia. Sexo. Gênero.

ABSTRACT: the feminist movement claims to fight for the rights and valorization of women. However, the question arises: is this really the real objective of such a movement? The present work will approach the theme of gender ideology as a way of seeing the reality present in the feminist movement. How feminism uses its demanding guidelines – these guidelines that are often real sufferings that women have in today's society – to, in the end, spread the ideology of gender and thus achieve a destruction of the conception of man and woman. To achieve this objective, the reading of several authors who addressed this theme was used, and as a base basis will have the writer and history teacher, the State Representative of the state of Santa Catarina, Ana Caroline Campagnolo. Finally, the metaphysical errors that this ideology incurs and its consequences for society will be presented, whose apex is the annihilation of the idea of sexual differentiation between men and women.

Keywords: Feminism. Ideology. Sex. Gender.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	3
CAPÍTULO 1	7
OS FUNDAMENTOS DA <i>GENDER THEORY</i>	7
1.1 Butler e a sua ideologia.....	7
1.2 A distinção entre sexo e gênero	8
1.3 A separação entre sexo e gênero	10
1.4 A multiplicidade dos gêneros	10
CAPÍTULO 2	11
O FEMINISMO E A IMPLANTAÇÃO DE SUA ANTROPOLOGIA	11
2.1 A desconstrução da maternidade	11
2.2 A desconstrução da família.....	12
2.3 A desconstrução da linguagem	13
2.4 O fim dos sexos.....	15
CAPÍTULO 3	16
O PLANO DE FUNDO METAFÍSICO	16
3.1 O princípio da não-contradição.....	17
3.2 A evidência do princípio e a sua defesa.....	18
3.3 Outros princípios primeiros que se fundam no da não-contradição	19
3.4 A realidade formal dos seres compostos.....	19
3.5 As dez categorias do ser.....	20
3.6 Alguns erros metafísicos da ideologia de gênero	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:	25

INTRODUÇÃO

Nos dias atuais está em voga as ações do movimento feminista em nossa sociedade. Lutas que tem em vista a proteção contra a violência doméstica, que é um mal que atinge ainda hoje milhares de mulheres no mundo inteiro, devem ser incentivadas, porque a mulher tem sim o seu valor de pessoa e deve ser tratada de tal maneira. A própria participação feminina no ramo da política é algo que deve ser estimulado, a representatividade feminina nas casas da democracia ainda é baixa. Contudo, de maneira sorrateira e covarde, o movimento feminista usa dessas bandeiras para poder espalhar outras coisas e lutar por interesses que não é objetivo de boa parte das mulheres. Atos públicos promovendo a nudez, danos a bens públicos, ofensas aos mais diversos templos de expressão religiosa se tornaram comum e são noticiados como meios de avanços da luta feminina pelos seus direitos e pelo respeito ao seu corpo e escolhas.

O presente artigo busca esclarecer como o feminismo utiliza da ideologia de gênero como uma antropologia. Pode-se dizer que essa ideologia é um modo feminista de enxergar o homem e a mulher? Vale fazer uma breve “reminiscência” acerca da história de tal movimento, antes de dar procedimento ao presente projeto. Com isso, será mais fácil observar e encontrar o problema que será discutido no futuro.

Os sinais do feminismo surgem já no século XVIII com o chamado *protofeminismo*, no século da “Luzes”. Tal agitação, segundo a deputada e historiadora Ana Campagnolo buscava a:

Contestação dos direitos civis, em especial os relativos à repartição da propriedade e às disparidades contratuais do casamento, às primeiras insinuações a respeito do sufrágio universal e da participação política feminina. No cerne de todas essas pautas, tremulava a bandeira da educação igualitária (CAMPAGNOLO, 2019, p. 35-36).

Portanto, ainda não girava entorno de problemas de cunhos sexuais como é hoje a grande maioria dos conteúdos da pauta feminista. Desejava-se uma espécie de reconhecimento social do papel da mulher, ela queria ser vista, percebida. É óbvio que nunca foi um interesse pleno na realidade da mulher, havia e há segundas intenções neste movimento (CAMPAGNOLO, 2019, p. 27). Mas, pode-se dizer que esse primeiro broto de reivindicações foi o que deu origem a essa grande árvore que é o feminismo atual.

Segundo Bonnewijn (2015, p. 22-23), as “reformistas, elas se engajaram na política e fizeram ouvir a sua voz. Reclamavam mais justiça e se organizavam para isso.” É aqui que acontece o primeiro ato de rebeldia política, que com o passar do tempo vai se desenvolvendo até chegar aos moldes do que é hoje. Vê-se aí, o ambiente perfeito de agitação social para que

futuramente, seja implantada aos poucos uma nova visão de mundo onde homem e mulher já não mais existirão.

Durante esse período, e graças às bandeiras de Mary Wollstonecraft que retornaram nos séculos XIX e XX, começava a Primeira Onda feminista, marcada pelo ano de 1848. Neste período foi concedido às mulheres o direito ao voto reconhecido e elas começaram a trabalhar fora do lar.

Para falar da Segunda Onda feminista, usar-se-á como introdução a máxima de Vinet¹: *un peuple vaut ce que valente ses femmes* (um povo vale o quanto valem suas mulheres). Ao levar a sério tal afirmação, pode-se concluir que infelizmente com a derrocada moral – especialmente no que concerne à seus deveres naturais e sexuais – de grande número das mulheres ocasionada por essa etapa do feminismo, a humanidade não está tendo o valor que deve ser dado à pessoa e sua dignidade. Começando na década de 1960, essa segunda fase é definida para a grande maioria dos estudiosos do tema como a “transmutação” do movimento feminista.

É visível que as pautas agora defendidas vão diretamente contra temas que são naturais ao ser humano – reprodução, a família, os cuidados com a prole etc. -, especialmente à mulher. Com Margaret Sanger, será inaugurada a discussão acerca do divórcio, contracepção e aborto. Em Beauvoir, haverá a abertura da famosa guerra dos sexos e o incentivo à promiscuidade sexual. Com as ideias de Friedan, o lar passará a ser o pior castigo que uma mulher pode receber na terra. Sendo considerado uma verdadeira desgraça na vida feminina.

Porém, não se pode dizer que tudo isso tenha surgido do nada. Observando o campo moral das primeiras feministas, como Wollstonecraft, é visível que o feminismo já nasceu com as más intenções que foram expostas num momento tardio. O profeminismo segundo Ana (CAMPAGNOLO, 2019), já dava passos em direção à ideologia de gênero e tinha em sua líder o maior exemplo de desregramento sexual ainda no século XVIII.

Enfim, é na terceira etapa em que o objeto de estudo deste trabalho aparece de maneira mais fulgurante. No movimento feminista, é recorrente o fato de querer aniquilar o “feminino”. Luce Irigaray, já escrevia no ano de 1980, que a “mulher não tem sexo”. Julia Kristeva, afirmava que “estritamente falando, não se pode dizer que existam mulheres”. Para não deixar de fora o Brasil, Berenice Bento recentemente afirmou num seminário: “Você sabe que não existe mulher²”. Pode-se destacar que essa é a característica mais primordial da terceira onda: **a**

¹ Escritor francês.

² Seminário Queer, realizado no Sesc da Vila Mariana - SP, de 9 a 10 de setembro de 2015.

desconstrução das identidades por meio da visão antropológica dada pela ideologia de gênero.

Eis o problema a ser abordado neste trabalho: possui o movimento feminista uma antropologia, uma concepção própria do homem e da mulher? Se sim, O que diz essa concepção? Quais consequências acarreta para a humanidade esse modo de enxergar os seres humanos? Pretende-se nesta pesquisa esclarecer tais questionamentos, usando como base os escritos da historiadora Ana Caroline Campagnolo e conceitos elaborados pela filosofia perene. Aspira-se também demonstrar o quanto o movimento feminista utiliza-se da mulher somente como uma questão de “*marketing*”, e não como ser humano que merece ser respeitado e defendido em sua dignidade de pessoa.

Acerca do conceito de ideologia, Theodor W. Adorno em 1973 afirma que é necessária uma compreensão histórica para bem compreender este termo, visto que o mesmo passou por diversas mudanças em seu significado no decorrer da história da filosofia e sociologia. O estudioso de Frankfurt começa apontando a raiz mais remota da ideia central de ideologia, que se encontra na pessoa do filósofo inglês Francis Bacon.

Bacon ao propor uma luta contra os ídolos que obscurecem a inteligência humana, denuncia os preconceitos coletivos da massa, especialmente o chamado: *Idola fori*³. Diz o filósofo que a linguagem humana é imperfeita, ou seja, as definições não conseguem criar uma ligação perfeita entre a coisa e a palavra dita. Consequentemente, é imprudente aquele que se deixa dominar por tal ídolo que jaz na linguagem. É preciso emancipar sua consciência das leis e demais formas de dogmatismos que estão fundados nesta forma inábil de manifestação humana.

Os enciclopedistas Helvécio e Holbach afirmaram que os ídolos de Bacon possuem uma função social na medida em que ajudam a manter a injustiça e impedir uma sociedade racional. Contudo, acerca da concepção de preconceito não houve muito avanço e jamais se chegou a algo unânime. Todavia, Helvécio chegou a afirmar que “os preconceitos dos grandes são as leis dos pequenos”, portanto, tais modos de pensar seriam as maquinações do poderosos. Ele também vê a necessidade de uma raiz objetiva para tais pensamentos quando enuncia que “nossas ideias são consequência necessária da sociedade em que vivemos” (ADORNO, 1973)

É na sociedade burguesa que vai surgir o pensamento de ideologia como **uma consciência ao mesmo tempo diferente da total verdade e da pura mentira**. É necessária à ideologia uma condição problemática e uma ideia de justiça para se suprir a defesa dessa

³ Ídolos do mercado ou ídolos do fórum.

suposta verdade. Tem que existir um elemento racional na ideologia para que possa acabar com a crítica. Seria uma aparente verdade de um discurso falso, e essa é a essência de toda e qualquer ideologia.

Para Hegel, essa ideologia seria um confronto de entidades espirituais com a sua realização. Só se pode falar propriamente de pensamento ideológico se este for o produto espiritual que “surge do processo social como algo autônomo, substancial e dotado de legitimidade”, ou seja, sua síntese.

Já no âmbito da sociologia destacam-se os estudos de Weber e Pareto. O primeiro negou a existência de uma consciência absoluta da sociedade, deixando de lado a ideia de que a ideologia fosse fruto da mesma, reduzindo suas origens a dependências isoladas. Ou seja, ela é fruto do preconceito de cada indivíduo. O segundo afirmou que se deveria abandonar os resíduos que tinham como objetivo persuadir as pessoas para atuarem de maneira útil, visto que esse haviam guiado a sociologia até o presente momento. Pareto nega a possibilidade de se pensar cientificamente sobre a ideologia, pois, esta visa a persuasão e esse não é objetivo da ciência. Os elementos da verdade ideológica só podem ser percebidos de maneira psicológica relacionada com condições objetivas, e não de maneira experimental.

O filósofo alemão Max Scheler, definiu a ideologia como um conjunto de tendências determinadas pela classe. São tendências que criam uma compreensão do mundo de um modo ou de outro. Vão além dos preconceitos, são meio que as leis basilares e formais da constituição dos mesmos.

Por fim, se a herança da ideologia são os produtos que enchem a consciência dos homens, afirma Adorno (1973) que na atualidade, estes produtos são os objetos que atraem as massas em sua condição de consumidores. A maquinação de hoje não é objetiva e nem cega, mas é algo que foi engendrado à sociedade por meio dos produtos da indústria cultural (cinema, teatro, rádios, televisão, jornais). Lê-se:

Qualquer voz discordante é objeto de censura e o adestramento para o conformismo estende-se até às manifestações psíquicas mais sutis. Nesse jogo, a indústria cultural consegue se apresentar como espírito objetivo, na mesma medida em que readquire, em cada vez maior grau, tendências antropológicas em seus clientes. [...] Quanto mais os bens culturais assim elaborados forem proporcionalmente ajustados aos homens, **tanto mais estes se convencem de ter encontrado neles o mundo que lhes é próprio**. Vemos nas telas da televisão coisas que querem se parecer com as mais habituais e familiares e, entretimentos, o contrabando de senhas, como a de que todo estrangeiro é suspeito ou de que o êxito e a carreira são as finalidades supremas da vida, já está dado por aceito e posto em prática, desembaraçadamente, para sempre⁴.
(grifo nosso)

⁴ ADORNO e HORKHEIMER. **Temas básicos da sociologia**. São Paulo, ed. Cultrix, 1973.

A ideologia é apresentada como “um conjunto de modelos de comportamentos adequados às condições vigentes”, o homem busca se adaptar às condições dadas pela sociedade. É como se sentir usado e mesmo assim aceitar e não expressar nenhuma forma de aversão. A ideologia não é mais um envoltório do mundo, mas a própria imagem que ameaça o mesmo. Enfim, permanece o questionamento conforme a definição dada pelo autor: “não seria a ideologia de gênero, um conjunto de modelos comportamentais que foram adequados a uma condição criada pelo feminismo?”

CAPÍTULO 1

OS FUNDAMENTOS DA *GENDER THEORY*

1.1 Butler e a sua ideologia

Judith Butler (1956-) é a mais conhecida teórica dos estudos de gênero no Brasil, a mesma fez uma visita ao país no ano de 2017. A filósofa é de corrente pós-estruturalista e é professora universitária nos Estados Unidos. Sua obra mais célebre foi *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, publicada em 1990. Em sua teoria, ela diz que a condição e o conceito de “feminino” são armações criadas pela sociedade falocêntrica⁵ e masculinista.

O professor brasileiro Felipe Nery conseguiu resumir as principais ideias de Butler em sua obra acerca do gênero:

Advoga pela superação de uma estrutura identitária essencialista, ou seja, para ela, **o ser humano nasce indefinido (neutro)** e, graças à família, à escola, à sociedade, às instituições etc., define-se e atrela-se a um papel binário homem-mulher ditado por um “sistema patriarcal opressor”.⁶ (grifo nosso)

Seguindo o que é defendido por ela, chega-se à conclusão de que o sexo biológico nada mais é do que um dado físico que não influencia em nada as escolhas sexuais da pessoa no decorrer de sua existência. O dado biológico perde sua característica definidora no uso das faculdades sexuais humanas. “O gênero – comportamento de cada sexo – e o próprio sexo não passam de produções deliberadas dos homens para que pareçam ‘naturais’ ou ‘inevitáveis’, mas não o são nem naturais nem inevitáveis.” (CAMPAGNOLO, 2019, p. 232). É tudo uma manipulação masculina para se manter no domínio da sociedade.

Poderíamos definir gênero como **a autopercepção que todo ser humano tem da própria sexualidade**. Essa autopercepção não coincide [segundo as feministas] com

⁵ Falocentrismo: centrado no falo (pênis). Uma sociedade onde o sexo masculino tem a soberania.

⁶ NETO, F. N. M et al., **Gênero: ferramenta de desconstrução da identidade**. São Paulo, SP: Katechesis, 2017, p. 37.

a sexualidade biológica e varia com o tempo. A opção não é uma escolha que se faz de uma vez por todas na vida e pode mudar quantas vezes quisermos. Mais do que escolha, trata-se de uma espécie de construção nunca acabada: não escolho entre algo que outrem determinou, mas me oriento de maneira sempre fluida e aberta, para o meu desejo. O gênero é performativo [...] não existe diferença entre homem e mulher [...] não se nasce homem, não se nasce mulher. A cultura e a sociedade nos tornam homens e mulheres, mediante a imposição de comportamentos e padrões heteronormativos.⁷ (grifo nosso)

Butler coloca como saída dessa sociedade que corrompe mediante ditos masculinos a estratégia dos “atos corporais subversivos”. Ou seja, pretende-se desintegrar toda e qualquer identidade que seja marcada pelos comportamentos considerados de “macho” ou de “fêmea”, pois estes são antinaturais e deliberativos. É pegar por exemplo a imagem de um “mecânico”; e subverte-la até o momento em que todas as características masculinas dessa profissão – não se defende aqui que somente homens devam trabalhar como mecânicos, contudo em sua maioria o são – desapareça e fique somente aquilo que é natural dela mesma. Neste processo, conta-se com o apoio e auxílio da *teoria queer*, que mediante suas pautas de defesa buscam agir contra tudo aquilo que é considerado normal na sociedade. Apoiando-se na exceção, estes buscam combater a regra e quebrar os códigos da identidade social.

Por fim, sua proposta é que “a participação na revolução sexual feminista se inicie com a negação da nossa identidade sexual (sexo), passando a adotar posturas e comportamentos (gênero) que não se definam nem para a masculinidade nem para a feminilidade.” (CAMPAGNOLO, 2019, p. 234). O que seria esse ser humano neutro? Como é uma feição não-masculina e que ao mesmo tempo é não-feminina? Não seria algo forçado exigir que as mudanças – através de cirurgias, próteses e tratamentos hormonais – sejam consideradas “naturais”, e o que realmente vem da natureza – onde não se é necessário esforço algum – seja tido como antinatural e errado?

1.2 A distinção entre sexo e gênero

Cabe agora a reflexão acerca desses dois temas fundamentais para a compreensão dessa ideologia. Para os teóricos do *gender*, “sexo” “designa um dado biológico que comporta vários parâmetros dinâmicos e evolutivos, em íntimas interações uns com os outros.”⁸ Do contrário que muitos pensam, as pautas de gênero não negam de maneira alguma a objetividade fisiológica da diferença sexual. Em suma, para eles o sexo é da natureza humana tomada num sentido exclusivamente biológico.

⁷ Butler, J. **Problemas de Gênero**, p. 69.

⁸ BONNEWIJN, O. **Gender, quem és tu?** Sobre a Ideologia de Gênero. p. 31.

Caem eles, portanto num reducionismo do ser humano à pura realidade racional, fazendo com que seu corpo não seja fator determinante de sua natureza. Ora, a natureza humana não se reduz somente ao campo racional e o seu corpo não deve ser levado em conta como o de um animal.

“Natureza”, de fato, vem de “nascere” (nasci) em latim. Ela designa aquilo com o que nasce um ser, isto é, suas propriedades originais e fundamentais, suas características mais íntimas e mais constitutivas, sua própria essência, seu princípio de operação específico. Ora, a natureza humana, diferentemente da natureza animal, é plena de espírito. Ela ordena aos homens e mulheres a viverem e a agirem livremente, segundo a razão e o amor. Ela é **indissociavelmente carnal e espiritual**, numa alquimia misteriosa que não parou de ser interrogada durante séculos. A natureza humana não é nem um pouco redutível à pura “extensão”, no sentido cartesiano do termo, ou ao que o olhar das ciências pode perceber aí, ou ainda a um dado opaco oposto à liberdade e à cultura.⁹ (grifo nosso)

Dentre todos os entes do mundo, a natureza humana é a única plena de espírito, é um “espírito encarnado” conforme o pensamento de Ramon Lucas Lucas (1999). Há nele uma união profunda entre o material e o espiritual. O mesmo cabe ao sexo humano. Não é apenas um resquício de um animal, pelo contrário, é cheio de significação humana.

“Pouco tempo após a morte de Michelangelo”, escreveu o Papa Bento XVI, “Paolo Veronèse foi convocado pela Inquisição, acusado de ter pintado figuras inapropriadas em torno da Última Ceia. O pintor respondeu que, na Capela Sistina também, os corpos eram representados nus, de forma pouco respeitosa. Foi justamente o inquisidor que tomou a defesa de Michelangelo com uma resposta que ficou célebre: ‘Não vês que nada há nessas figuras que não seja do espírito?’. Vivendo na época moderna, temos dificuldade em compreender essas palavras, pois o corpo nos parece uma matéria inerte, pesada, oposta ao conhecimento da luz, da vida, do esplendor. Ele queria mostrar com isso que nossos corpos escondem um mistério”.¹⁰

Tem-se, portanto, que a natureza, o sexo e o corpo não são jamais redutíveis ao animal biológico puro. Contudo, todas as *gender theories* repousam, nessa abstração de que “o sexo pertence a uma ordem puramente materialista cujo estudo cabe aos cientistas e técnicos da vida.” (BONNEWIJN, 2019, p. 34)

Sobre o termo *gênero*, este, vem do latim *genus, generis* e do grego *genos*. Se refere à geração (*generatio*) e à origem para identificar os seres, diferenciá-los uns dos outros e reagrupa-los em categorias homogêneas.

⁹ Ibidem. p. 32-33.

¹⁰ Discurso do Papa Bento XVI no dia 13 de maio de 2011 por ocasião do 30º aniversário da fundação do Instituto Pontifício João Paulo II para os estudos sobre casamento e família.

1.3 A separação entre sexo e gênero

Para as feministas radicais, o sexo é visto como uma natureza bruta sem real interesse. Como consequência dessa visão, tem-se, dentro de várias outras, o fato de que “os fatores biológicos serem apresentados como forças de resistência à verdadeira humanidade da mulher, como condicionantes alienantes.”¹¹ Neste estágio, faculdades naturais à mulher como a maternidade são vistos com maus olhos. Mulheres como Friedan e Firestone, defendem a ideia de que a mulher deve o mais rápido possível se libertar da “tirania da biologia¹²”.

O sexo já não tem mais poder de determinar o comportamento da pessoa. “‘Homem’ ou ‘mulher’ é apenas um mito fundador ‘constitutivo das estruturas jurídicas do liberalismo clássico’.”¹³ Ora, se não for o sexo, para quem foi dado o poder de determinação? Nessa perspectiva, o gênero passa a ser o fator determinante. O homem e a mulher são frutos de uma construção social. São produtos de convenção, artificiais ou até mesmo meras invenções da história humana.

Seguindo as premissas da ideologia, chega-se à conclusão de que o gênero – comportamento do sexo - e o próprio sexo não passam de produções criadas para que se pareça natural, mas não o são. Diz o Professor Felipe Nery:

Poderíamos definir gênero como a autopercepção que todo ser humano tem da própria sexualidade. Essa autopercepção não coincide [segundo as feministas] com a sexualidade biológica e varia com o tempo. A opção de gênero não é uma escolha que se faz de uma vez por todas na vida e pode muda quantas vezes quisermos. Mais do que escolha, trata-se de uma espécie de construção nunca acabada: não escolho entre algo que outrem determinou, mas me oriento de maneira sempre fluida e aberta, para o meu desejo. O gênero é performativo [...] não existe diferença entre homem e mulher [...] não se nasce homem, não se nasce mulher. A cultura e a sociedade nos tornam homens e mulheres, mediante a imposição de comportamentos e padrões heteronormativos.¹⁴

O objetivo da ideologia é acabar com as identidades que estão marcadas com o comportamento “macho” e “fêmea”, porque são frutos de convenções e nada naturais. Contudo, uma vez desvinculado o sexo do gênero, não poderia surgir diversas outras construções sociais?

1.4 A multiplicidade dos gêneros

Segundo as mais diversas teorias de gênero, elas desmembram de cinco a sete “construções sexuais”: homossexual, lésbico, transexual operado ou não operado, heterossexual, bissexual, indiferenciado. Existem outros pensadores que defendem a existência

¹¹ Op. Cit. p. 37

¹² Firestone, S. *The Dialectic of Sex: The case for Feminist Revolution*. Nova York: Morrow, 1970, p.12.

¹³ Campagnolo, A. **Feminismo**: perversão e subversão. p. 230.

¹⁴ Op. Cit. p. 69.

de outros, contudo, o presente artigo se limitará a esses sete. O que essa ou outras teorias querem dizer, comenta Michaela Marzano é “que cada indivíduo pode construir e inventar sua própria sexualidade original e incomparável, que não há nem dois sexos nem dois gêneros, mas uma infinidade de escolhas possíveis.”¹⁵ Não importa o seu sexo, o ser humano pode e deve escolher a sua função sexual, o seu gênero, mesmo que isso evolua no decorrer da sua vida.

A partir de agora, o gênero é quem elabora o sexo. Tem-se uma absorção do sexo pelo gênero, em última análise o sexo se torna o espelho do *gender*, sua expressão exterior, sua figura. Sobre isso analisa o professor Bonnewijn:

Em suma, enquanto inicialmente o *gender* designava uma classe (homem-mulher) a partir de uma característica comum ligada com a origem (sexo), ele de agora em diante remete a uma não classe (todos os indivíduos) que possuem a mesma característica comum (o socialmente construído) sem ligação com a origem (o sexo). O conceito de “gênero” muda então de definição. Ele se torna princípio de indeterminação, de indiferenciação e confusão entre os seres. **Tudo é *gender*.**¹⁶(grifo nosso)

CAPÍTULO 2

O FEMINISMO E A IMPLANTAÇÃO DE SUA ANTROPOLOGIA

Após uma análise da teoria de gênero, cabe agora apresentar as armas utilizadas pelo movimento feminista para a implantação de tal antropologia na mente e no cotidiano das pessoas. Serão abordados três ambientes de ataques que estão intimamente vinculados com a identidade humana, a saber: a maternidade, a família e a linguagem.

2.1 A desconstrução da maternidade

Como já fora dito, a desconstrução dos comportamentos considerados “masculinos” e “femininos” é parte integrante da proposta ideológica. Com isso, até mesmo a dimensão da maternidade sofrerá consequências. o grande problema – dizem as feministas radicais – é que se confunde o que vem do sexo biológico com o que decorre do *gender* construído. A grande pergunta que deve ser feita é: **a reprodução está necessariamente ligada à feminilidade, à relação heterossexual e à função maternal em sua eventual relação com a função paternal?** Historicamente, a resposta sempre foi sim. Foi dado às mulheres graças as suas funções biológicas o cuidado com tudo o que se refere a elas. O gênero heterossexual foi criado para esse efeito. Para algumas feministas, ele constitui uma prisão social que subjuga as mulheres na obediência à uma suposta regra dada pela biologia. É o caso das afirmações de Friedan:

¹⁵ MARZANO, M. *Vers l'indifférenciation sexuelle?*, in Études (juillet 2009), p. 46.

¹⁶ Op. Cit. p. 39 – 40.

Para a mulher capaz na América de hoje, há algo de perigoso na condição de dona-de-casa, disto estou convencida. [...] As [mulheres] que se adaptam ao papel doméstico e crescem desejando ser “apenas donas de casa” estão em perigo tão sério como as que caminharam para a morte nos campos de concentração, por se recusarem a crer que eles existiam.¹⁷

Cabe à mulher se libertar dessas situações de opressão. Não é obrigação dela gerar e nem cuidar de crianças. O problema aqui é que as ideólogas feministas igualam a maternidade como qualquer outro trabalho braçal e o pior deles. Segundo Kate O’Beirn, para Friedan “criar filhos é uma ocupação ingrata que não permite que as mulheres usem sua inteligência de uma forma que beneficie a sociedade.” Como resolver essa situação? A primeira delas é o alto incentivo aborto por meio do movimento revolucionário, e também a entrega das tarefas maternas ao Estado, como defendia Kollontai, no que tange as criações das creches. Uma outra estratégia para destruir a maternidade é o discurso que a desconstrói, como fez Elisabeth Badinter (1944-) quando escreveu um livro completo sobre o “mito” do amor materno. “Conceber, formar, parir, criar e educar uma alma humana, para elas, é só mais um trabalho e, aliás, dizem elas, um trabalho escravo e sem sentido” (CAMPAGNOLO, 2019, p. 197)

Acerca de tal ideia, disse Hildebrand:

Uma coisa é certa: quando chegar a hora, nada que tiver sido produzido pelo homem subsistirá. Um dia, todas as realizações humanas serão reduzidas a um monte de cinzas. Por outro lado, todas as crianças nascidas de mulher viverão eternamente, pois a elas foi concedida uma alma imortal, feita à imagem e semelhança de Deus. Sob essa luz, a afirmação de Simone de Beavouir [e Betty Friedan] de que “as mulheres não produzem nada” mostra-se especialmente ridícula.¹⁸

2.2 A desconstrução da família

A desconstrução da maternidade implica necessariamente a destruição do modelo familiar tradicional ou burguês; um homem e uma mulher, tendo estabelecido uma relação estável e exclusiva exercem funções reprodutivas. A família nada mais é que um produto dessa cultura machista em que o “sexo fraco” é constantemente oprimido pelo “sexo forte”, sendo forçado a ficar em casa exercendo funções de reprodução. Como diz Campagnolo, “a família é acusada de ser um esquema de dominação arquitetado pelo homem para oprimir a mulher – os filhos fazem dela refém.” Por causa disso, o ideal seria – para as feministas – a supressão da família biológica, estrutura que gera violência opressora há tempos.

É óbvio que existem casos de violência doméstica e etc., contudo, esses casos não justificam a utilização dessas realidades isoladas para manchar toda a imagem do “casamento

¹⁷ Friedan, B. *The feminine mystique*, 1971, p. 262.

¹⁸ *O privilégio de ser mulher*, 2013.

tradicional”. As agressões físicas e mentais que muitas mulheres – e homens¹⁹ - sofrem é resultado de uma falha no comportamento do cônjuge, que agiu de maneira oposta do que é o seu dever. Afirma novamente a Deputada, “o ‘casamento tradicional’ é o espantalho preferido das militantes. Especialmente o casamento cristão, já que o casamento civil passou a ser defendido como um direito imprescindível para os casais *gays*, justamente porque possibilita proteção econômica.”

[o casamento é um] produto de uma cultura em que o homem do sexo masculino se constitui senhor, confinando o “sexo fraco” às tarefas ligadas à reprodução, imaginando para esse efeito um estereótipo feminino determinado: o da mulher submissa, passiva, pouco racional, próxima do biológico, aquartelada numa casa, esposa e mãe. Segundo essa maneira lógica, o “sexo forte” se criou também de acordo com um estereótipo determinado: o do homem dominador, ativo, racional, criativo, trabalhador, marido e pai. Articulados um no outro, esses dois posicionamentos forjam o gênero heterossexual de onde derivou a “família”. Essa realidade social e, portanto, artificialmente construída a partir de relações de desigualdade e opressão.²⁰

Com todas as suas denúncias contra o casamento, as únicas coisas que o feminismo conseguiu concretamente foi “liberar os homens do dever social de sustentar as mulheres e retirar delas o direito de não trabalhar, podendo viver do sustento do marido” (CAMPAGNOLO, *Feminismo*. p. 206). Acusa-se também os filhos de fazerem da mãe uma refém da família. O corpo da mulher será o melhor aliado do homem para tal feito. Com as ovulações, a menstruação e a gravidez, o corpo feminino aliena a mulher e ajuda o homem a mantê-la sob seu domínio.

Ainda são apresentadas outras desvantagens em se ter uma família ou um matrimônio, dentre elas tem-se a desvantagem sexual. Mulheres passam a ser exclusivas para os maridos quando se casam. Feministas como Kate Millet, pensam que isso é um grande prejuízo biológico, visto que, as mulheres são superiores aos homens em relação à durabilidade no sexo e à experiência do orgasmo. Elas poderiam estar fazendo sexo com vários homens por um longo período, contudo, ao se casarem, ficam limitadas a ter relações com apenas um e esperar até que esteja pronto novamente após o primeiro orgasmo.

2.3 A desconstrução da linguagem

Alguns estudos feministas inspirados em certas correntes psicanalíticas e neoestruturalistas, chegaram à conclusão de que a linguagem sempre vai expressar, mais ou menos diretamente, as relações de poder entre os gêneros. Ela é resultado de um posicionamento

¹⁹ Pesquisa do American Journal of Preventive Medicine, coordenada pelo médico americano Robert J. Reid: 29% dos homens já sofreram violência doméstica. Disponível em: [ajpmonline.org/article/S0749-3797\(08\)00224-9/abstract](http://ajpmonline.org/article/S0749-3797(08)00224-9/abstract).

²⁰ Bonnewijn, *Gender quem és tu?*, p. 49.

heterossexistas, alienante para as mulheres. Para estudiosas como, Luce Irigaray, a fala desempenha um papel determinante na constituição do sujeito. “Falo, logo sou.” Para outras, como Monique Wittig, a “Mulher universal” ou até mesmo o “feminismo” não existe. Tudo é questão de linguagem. E esta mesma linguagem é criadora, a linguagem humana diz e faz.

Contudo, manipulada pelos homens, a linguagem construiu um universo heterossexistas a partir do famoso raciocínio de que: há uma ordem natural no mundo e o gênero heterossexual é o único que está fundamentado sobre essa ordem. Isso está historicamente fundado na base do sistema opressivo e injusto em relação aos outros genders. É preciso, portanto, criar uma nova linguagem liberta desses paradigmas heterossexistas, trocando os termos específicos por *neutros*.

George Orwell (1903-1950) já alertava sobre a tática revolucionária de fazer uma mudança na linguagem por meio da manipulação do significado das palavras. Sobre o mesmo tema, o escritor Jorge Scala escreve em seu livro *Ideologia de Gênero*:

Esta tática é aplicada através de um movimento envolvente, utilizando para isto os meios de propaganda e o sistema educacional formal. A estratégia possui três etapas: A) a primeira consiste em utilizar uma palavra da linguagem comum, mudando-lhe o conteúdo de forma sub-reptícia; B) depois, a opinião pública é bombardeada através dos meios de educação formais (a escola) e informais (os meios de comunicação de massa). Aqui é utilizado o velho vocábulo, voltando-se, porém, progressivamente ao novo significado; C) as pessoas finalmente aceitam o termo antigo.

A linguagem é o mais difícil campo de batalha nesta guerra de ideologia. Como lembra Olivier, o movimento feminista esvazia ou ressignifica o significado e uns termos fundamentais para qualquer discussão sobre o tema. Sobre isso, escreve o professor Felipe Nery tomando como base o processo que se dá com a palavra “gênero”:

Substitui-se a palavra sexo pela palavra gênero, que passa a ser ressignificada. Como a ressignificação não é divulgada de forma explícita, mas permanece, inicialmente, restrita aos meios especializados de teóricos e acadêmicos, a maioria das pessoas tenderá a aceitar gênero e sexo como meros sinônimos. Com o passar do tempo, no entanto, a palavra sexo terá assumido um significado totalmente distinto de gênero, e esta, por sua vez, assumirá o significado desejado pelos ideólogos quando a forjaram.²¹

É um trabalho lento, mas que ao longo prazo produz o resultado desejado: a implantação quase que natural da ideologia. E com isso, separando sexo e gênero e a “neutralização” dos sexos, provocar a queda da antiga ordem e marchar rumo a um mundo novo.

²¹ Martins Neto et. al., *Gênero*, p. 14.

2.4 O fim dos sexos

Como já fora dito, para as radicais feministas do *gender*, os sexos não possuem qualquer consistência especificamente humana. São somente naturais – no sentido material – e não possuem sinais éticos muito menos metafísicos. O pensamento contrário é obra de uma doutrina puramente heterossexistas que tende a manipular. Segundo análise do professor Bonnewijn (2015, p.56), para as feministas “a sociedade deve caminhar resolutamente rumo a uma dessexualização ideológica, isto é, rumo a um apagamento de toda distinção fundada no sexo.”

É um basta à opressão que a mulher sofreu, os homens não estão no topo, as mulheres não devem ser tratadas como seres inferiores porque não há dado para medir quem é o maior nem quem é o menor, pois, não haverá mais o sexo. Teóricas como Butler não têm medo de admitir como lembra a professora Ana Campagnolo (2019, p. 234), “que a teoria de gênero não passa de uma ferramenta de desconstrução de identidade; e a subversão das identidades começa pelo esfacelamento de seus caracteres mais próprios.”

Uma frase atribuída à Marie Hélène Bourcier, feminista, diz o seguinte: “o travesti é a verdade de todos nós.” Ideias de pensadoras como Judith Butler e Witting, querem levar à humanidade para um esquecimento das noções mais básicas da distinção sexual, por meio do combate à heterossexualidade compulsória – ou seja, o avanço e soberania dos comportamentos e ideais heterossexuais. Contudo, como uma tábua de salvação para a humanidade algumas feministas propõe um novo padrão: “A lésbica”.

Veja o que Butler escreve acerca das doutrinas de Witting:

Para Witting, a restrição binária que pesa sobre o sexo atende aos objetivos reprodutivos de um sistema de heterossexualidade compulsória; ela afirma, ocasionalmente, que a derrubada da heterossexualidade compulsória irá inaugurar um verdadeiro humanismo da pessoa, livre dos grilhões do sexo [...] a lésbica emerge como um terceiro gênero, prometendo transcender a restrição binária do sexo.²²

Witting em seu livro “Ninguém nasce mulher” defende a ideia de que a força dos conceitos se efetiva de tal forma na realidade prática que tudo aquilo que pensamos e fazemos a respeito do sexo foram direcionadas por um modo de pensar heterossexual. Ou seja, os homens criaram um falso sistema natural para estabelecer diferenças entre eles e as mulheres. Os corpos e as mentes femininas são fruto dessa manipulação. Com isso, os homens condenaram todos os “outros gêneros” à imoralidade ou à algo anormal.

Os grandes responsáveis por esse vasto empreendimento de mistificação opressiva, sempre segundo essa teoria, são os indivíduos do sexo masculino. Para garantir seu poder, eles criaram estereótipos masculinos e femininos. Eles instruíram entre eles

²² Judith Butler, *Problemas de Gênero*, p. 47.

relações de dominadores e de dominados em seu próprio proveito, segundo uma visão marxista ou não da história.

[...] o homem heterossexual sempre sofrerá a tentação de se considerar como o único supostamente fundado num nível de direito natural e divino. A cada instante, periga cair numa forma ou em outra de diferencialismo que essencializa as diferenças biológicas macho-fêmea e que é de fato um instrumento de assujeitamento dos outros gêneros e das mulheres. [O homem] sempre terá uma propensão para a arrogância, a intolerância, a hegemonia, o imperialismo, a colonização, o totalitarismo. Convém então vigiá-lo de perto, enquadrá-lo juridicamente e educar com atenção a progeneritura oriunda de tal gênero para evitar a reprodução de estereótipos heterossexistas.²³

Ora, se todas essas ideias são armas para oprimir, portanto, qualquer mulher que busque concordar com elas estará ajudando a perpetuar na história tais ideias sufocantes. Naturalizando sua própria opressão, as mulheres rejeitam a única saída que lhes é apresentada: a rejeição de tudo aquilo que lhe foi atribuído por feminilidade, como por exemplo a gravidez. “A lésbica é o único conceito que conheço que está além das categorias de sexo”²⁴, dizia Witting. É a destruição das categorias de sexo que irá libertar a mulher para que ela se torne, como os homens, um sujeito universal ou uma identidade livre. “O mundo ideal”, apresenta Campagnolo, “deveria ser composto por mulheres que amam mulheres, sem espaço para o homem. Na verdade, nem para a mulher, apenas para a lésbica.”²⁵ Aqui, o lesbianismo será o único caminho para a liberdade.

CAPÍTULO 3

Após a análise da ideologia e do movimento feminista, cabe abordar a realidade metafísica por trás de tais ideias.

O PLANO DE FUNDO METAFÍSICO

Seguindo a análise expositiva do tema, torna-se necessário um aprofundamento na realidade metafísica da ideologia. Afinal, onde se encontra o erro? Porque gera-se tais confusões ao mudar conceitos fundamentais como o de “homem” e “mulher”? Como o desprezo de uma característica como o sexo, pode causar a criação de uma nova antropologia, um novo modo de ver o homem?

É na metafísica que encontraremos as respostas para tais questionamentos.

²³ Bonnewijn, *Gender quem és tu?*, p. 41-42.

²⁴ Witting, “*One is Not Born a Woman*”, em *Feminist Issues*, v. I, n. 2, inverno de 1981, p. 53.

²⁵ Campagnolo, *Feminismo*, p. 242.

3.1 O princípio da não-contradição

Assim como o *ente* é a primeira noção da inteligência contida em qualquer ideia posterior, “também existe um juízo naturalmente primeiro, que está suposto em todas as demais proposições: ‘é impossível ser e não ser ao mesmo tempo e no mesmo sentido’.”²⁶ Com isso, é impossível afirmar que o copo, por exemplo, está ao mesmo cheio e vazio de água ao mesmo tempo e no mesmo aspecto.

Afirma os autores que “esse juízo primeiro se chama princípio de não-contradição, porque expressa a condição fundamental das coisas, quer dizer, que elas não podem ser contraditórias.”²⁷ Encontrando seu fundamento no ser das coisas, esse princípio expressa a sua própria consistência e sua oposição ao não-ser. Veja, é possível conhecer este cachorro, essa casa, aquele carro, sempre reconhecendo a coisa como algo que é, como um ente. Agora, no que tange a ideia de “não-ser”, também ela é apreendida das coisas, como por exemplo, quando se dá conta de um objeto que estava em determinado lugar não está mais.

Uma vez apreendidas essas ideias, afirma Melendo “entendemos que um ente não pode ser e não ser, ao mesmo tempo e no mesmo sentido: esse princípio de não-contradição expressa assim a incompatibilidade radical entre ser e não-ser fundada em que o ato de ser confere a todo ente uma perfeição real, autêntica, que se distingue absolutamente de estar privado dela.”²⁸

Cabe fazer uma análise de determinadas expressões utilizadas na definição de tal princípio; diz-se “ao mesmo tempo”, porque não existe contradição em um copo estar cheio de água no início da manhã, e já no final da tarde estar completamente vazio. Coloca-se “no mesmo sentido”, porque não é contraditório – segundo o exemplo dado por Melendo em seu livro – que um homem seja sábio em umas matérias e ignorante em outras.

Antes de tudo, o primeiro princípio é um juízo sobre a realidade. Por isso, *as formulações mais profundas deste princípio são as de caráter metafísico*, isto é, as que se referem diretamente ao ser das coisas; como, por exemplo, “é impossível que uma mesma coisa seja e não seja” ou “é impossível que uma coisa, ao mesmo tempo seja e não seja.”²⁹

Veja, aqui não é uma questão que está presa ao pensamento, como a ideia de que não se é possível pensar o contraditório, uma vez que esse princípio é uma lei da realidade, não é um axioma da mente. Que fique bem claro: **é o próprio ente que não é contraditório**. Este

²⁶ MELENDO, T. et. al. *Metafísica*, p. 53.

²⁷ *Ibidem*. p. 53.

²⁸ *Ibidem*. p. 54.

²⁹ *Ibidem*. p. 54-55.

princípio é conhecido de maneira natural por qualquer ser humano, a partir da experiência. Não é inato, mas é manifestado a todos de maneira espontânea.

3.2 A evidência do princípio e a sua defesa

Pelo fato de ser o primeiro juízo, este princípio não pode ser demonstrado a partir de afirmações anteriores a ele. O que não é um sinal de imperfeição, como recorda Melendo (2014, p.56):

[...] o fato dele não ser demonstrável não representa um sinal de imperfeição, mas ao contrário, porque quando uma verdade é patente por si mesma, não é necessário nem possível prová-la. Só precisa ser demonstrado o que não é evidente de forma imediata. Além disso, se todas as afirmações tivessem que ser provadas a partir de outras, nunca chegaríamos a umas verdades manifestas por si mesmas, e todo o saber humano estaria infundado.

Embora não se possa demonstrar tal princípio, pode-se de maneira indireta indicando as incongruências que caem os que o negam. Aristóteles utiliza algumas delas em sua *Metafísica*:

1. Para se negar tal princípio seria necessário esvaziar todo o significado da linguagem: se “casa” fosse a mesma coisa que “não-casa”, na realidade não teria significado nenhum, qualquer palavra indicaria qualquer coisa. Daí, quando alguém diz uma palavra já se está admitindo o princípio primeiro (Cf. *Metafísica*, IV, c.4).
2. Segundo o Estagirita, quem não leva em consideração o princípio deveria se comportar como uma planta, pois, até mesmo os animais se movem para buscar um objetivo em preferência de outros, como na alimentação (Cf. *Ibidem*).
3. E mais, negar este princípio é no fim das contas aceitá-lo, porque ao negá-lo se concebe que afirmar é diferente de negar. Quando se sustenta que ele é falso, sustenta-se também a sua verdade, pois, o falso não é igual ao verdadeiro (Cf. *Metafísica*, XI, c.5).

Da negação deste princípio segue-se um absoluto relativismo, onde nada é, tudo muda. Assim como apresenta a ideologia. “Uma vez desprezado o ente, costuma-se colocar a subjetividade humana como único ponto de apoio da verdade. O constitutivo da realidade seria sua referência a cada indivíduo: o ser das coisas fica reduzido a seu ser-para-mim”.³⁰

³⁰ MELENDO, T. et. al. *Metafísica*, p. 58.

3.3 Outros princípios primeiros que se fundam no da não-contradição

Existem ainda alguns outros princípios que estão intimamente ligados ao primeiro:

- a) *O princípio do terceiro excluído* – “não há meio termo entre o ser e o não-ser” ou “entre a afirmação e a negação não há termo médio”. Ou seja, uma coisa é ou não é, e não existe uma alternativa entre essas duas realidades, visto que ela teria que ser e não ser ao mesmo tempo e no mesmo sentido.
- b) *O princípio de identidade* – “o ente é o ente”, “o que é, é o que é”, “o ser é, o não ser não é”. É principalmente contra este princípio que a ideologia se opõe.
- c) *O de causalidade* – “todo efeito tem uma causa”, “tudo o que começa a ser é causado”.
- d) *O de finalidade* – “todo ser age em vista de um fim”.

3.4 A realidade formal dos seres compostos

Acerca da composição metafísica dos entes compostos, afirmou Tomás de Aquino que este é formado por *essência* e *ato de ser*. Para este trabalho basta atentar-se à essência da coisa material, que pela definição de Aquino é “aquilo que é composto de *matéria* e *forma*”³¹. Chama-se *matéria* o princípio que recebe a *forma substancial* para dar a existência à um novo ente material, é o princípio que irá individuar essa forma e ao mesmo tempo se quantificar, se assinalar – *matéria signata*. Dá-se o nome de *forma* ao “princípio determinante da essência, que limita ou restringe o ato de ser do ente corpóreo concreto.”³² É da forma que virá o ato de ser de todo o sujeito material, embora, ela não possua o ser em si mesma, somente quando atualiza a matéria.

O caso da forma substancial do homem é diferente. Por ser espiritual, a alma humana tem o ser como algo próprio. Enquanto nos entes corpóreos o ser é do composto, ao qual chega através da forma, no homem o ser é da alma, e é ela que faz a matéria participar do ser. (MELENDO, 2014, p.120)

Pelo fato de a forma dar o ser aos seres, é também graças a ela que os *acidentes* – de maneira simples, podem ser definidos como características do ente - podem se dar na *substância* – sujeito concreto, que tem o ser por si mesmo – *homem*. Santo Tomás afirma³³ que existem acidentes que marcam a forma, como por exemplo a masculinidade e feminilidade. Seguem da matéria, mas marcam a forma de uma maneira especial. Ou seja, no âmbito da presente pesquisa, toma-se por exemplo o acidente da *sexualidade*. A manifestação material deste acidente se dá nos órgãos genitais do homem e da mulher; no que tange a sua realidade formal

³¹ Aquino, *O Ente e a Essência*. p. 23. §15.

³² MELENDO, T. et. al. *Metafísica*, p. 120.

³³ *O Ente e a Essência*, p. 48-49. §75.

apresenta-se na maneira diferente de pensar e nos comportamentos naturais de cada sexo. “A pessoa humana é homem ou mulher, e traz inscrita esta condição em todo o seu ser.”³⁴

3.5 As dez categorias do ser

Já foi dito que a substância e os acidentes são os dois modos de ser que se reduz toda a realidade. Contudo, são diversos os predicamentos acidentais e eles são classificados em nove grupos. “A substância com os nove tipos de acidentes constitui os dez gêneros supremos do ente, também chamados predicamentos ou categorias: portanto, trata-se da descrição dos modos reais do ser” (MELENDO, 2014, p.81).

Antes de tratar de cada um deles, indicamo-los brevemente por meio de um exemplo. Podemos atribuir a Pedro os seguintes predicados: “é homem” (=substância), “é bom” (=qualidade), “é alto” (= quantidade), “é filho de Antônio” (=relação), “está no seu quarto” (=onde), “está sentado” (=posição), “tem papel e caneta” (=posse), “chegou às sete horas” (=tempo), “está escrevendo” (=ação), “tem sede” (=paixão). (MELENDO, 2014, p. 82)

Os acidentes possuem a característica comum de serem sempre na substância, ou seja, ser em um sujeito (*esse in*) e é isto que os faz acidentes. No entanto, “cada acidente possui uma essência própria e, por isso, determina a substância de um modo original” (MELENDO, 2014, p.82). Deste modo, tanto a quantidade, a qualidade e a relação estão na substância e participam de seu ato de ser, contudo a primeira lhe dá extensão e peso; a segunda confere-lhe cor ou dureza e a terceira a determina por referência a outras coisas.

Não se pode definir ao certo a essência de cada acidente, pois “eles são gêneros supremos acima dos quais se encontra a noção de ente, que, por não ser um gênero, não faz parte de nenhuma definição; ainda mais porque são realidades imediatamente evidentes” (MELENDO, 2014). Apesar disso, podem ser indicados por meio de exemplos.

Numa tentativa de agrupá-los conforme sua essência, tem-se:

- a) *Acidentes que afetam intrinsecamente a substância*: está presente neste grupo a quantidade e a qualidade, que determinam a substância em si mesma ou de maneira absoluta, e a relação que o faz por referência a outros:
 - a. *A quantidade*: tudo que é substância corpórea possui uma quantidade determinada. (Extensão, grandeza, volume, este acidente deriva da matéria e está presente em todo ser corpóreo).

³⁴ RETEGUI, A. R. *La sexualidade humana*. IN: MORATALLA, N. L. et. al, *Deontologia biológica*, cit., 265.

- b. *As qualidades*: surgem da essência da substância e “fazem com que ela seja de tal ou qual modo” (MELENDO, 2014); por isso a cada classe de substância, tem-se um conjunto de qualidades: cor ou formato determinado, capacidades de agir. Por sua origem estar na forma, as qualidades estão presentes também nos seres imateriais. Nas realidades corporais, as qualidades inerem na substância por meio da quantidade (Ex: a cor precisa de uma extensão).
- c. *As relações*: “determinam a substância por referência a outras coisas” (MELENDO, 2014). A relação que convém a um homem por referência ao seu chefe é de autoridade.

Convém ressaltar que é neste grupo de acidentes que a ideologia de gênero procura agir, reduzindo ou aniquilando qualquer influência direta no modo de ser que eles possam trazer na substância.

- b) *Acidentes extrínsecos*: “são determinações reais da substância, só que não a afetam em si e por si mesma, somente de maneira externa e por sua relação com outros objetos” (MELENDO, 2014, p.84).
 - a. *O onde*: é a localização da substância - surge em um corpo por ele estar aqui ou ali. Coloca a coisa localizada em relação a outros corpos. Apesar disso, a localização não implica uma mudança interna do sujeito, somente externa.
 - b. *A posição*: é o modo de estar no lugar: deitado, sentado, agachado. É diferente do *onde* “porque faz referência à disposição interna das partes do corpo localizado; pode-se estar num mesmo lugar em distintas posições” (MELENDO, 2014).
 - c. *A posse*: acontece na substância quando esta possui algo próximo ou imediato (estar vestido, usar uma garrafa). Num sentido mais estrito, só o homem é capaz de possuir.
 - d. *O quando*: é a situação temporal da substância material. Por possuírem matéria, “os corpos estão sujeito a uma mudança sucessiva e passam por diversos estados” (MELENDO, 2014). Chama-se tempo a medida dessas mudanças e o quando é este instante concreto em que uma coisa se encontra.

- c) *Acidentes em parte intrínsecos e em parte extrínsecos*: nos corpos ocorrem várias interações das quais provém os acidentes ação e paixão.
- a. *A ação*: “é o acidente que nasce em uma substância enquanto princípio agente de um movimento em outro sujeito” (MELEND0, 2014). Empurrar uma cadeira, esquentar água, não são consideradas ações em si mesmas, “apenas enquanto procedem de um agente, que é princípio desses movimentos de outros” (MELEND0, 2014).
 - b. *A paixão*: “surge nos corpos enquanto são sujeitos passivos da atividade de outros; por isso dizemos que o sujeito é paciente” (MELEND0, 2014). No exemplo anterior, a paixão seria o esquentar-se da água e o arrastar da cadeira, enquanto produzido por um agente externo.

3.6 Alguns erros metafísicos da ideologia de gênero

Após uma breve exposição sobre o que diz a metafísica clássica acerca do ser das coisas, cabe agora pontuar alguns erros presentes em tal ideia apresentada no presente artigo.

Em resumo, o cerne da ideologia de gênero desenvolve-se sobre a negação de que o gênero – comportamento – seja fruto do sexo – dado biológico. Ou seja, não importa o sexo, não importa “o que o ente é”, ele escolhe como será o seu modo de ser e de se comportar. Contudo, visto que o “o ente é o que é”, não se pode jamais conceber a identidade do ser como algo fluido e que muda conforme a vontade do sujeito. Ora, existem no ser realidades que são puramente *acidentais*, ou seja, são fatores que não possuem um modo de ser independente, precisam de uma substância para existirem. A cor da pele, a altura e o peso são exemplos de tais acidentes.

Contudo, há uma realidade que permanece no ente mesmo diante das mudanças que ele sofre no decorrer de sua existência. É aquilo à que chamamos de *substância*, como fora acima mencionada. É aqui que a ideologia atinge, na mudança da substância, deseja-se alterar o modo de ser da coisa. O ser humano pode ser de duas maneiras: homem ou mulher, e cada um deles por causa da sua maneira de ser – não que exista uma diferença na essência do homem ou da mulher - são de formas diferentes. Como foi dito anteriormente, os acidentes da feminilidade e masculinidade dão à substância um agir particular.

Logo, não se pode mudar a substância numa “sala de cirurgia”, ali será alterada a realidade material do homem. No que tange ao seu ser, nunca sairá dele o acidente de sua sexualidade. Veja que há realmente um ponto de verdade na ideologia, o sexo biológico é uma

realidade material. Entretanto, esta realidade material é sinal de uma realidade espiritual e ontológica que estão diretamente ligadas aos diversos aspectos da existência humana.

Neste ponto está expresso a consequência que foi anunciada acima, acerca do absoluto relativismo advindo da negação do princípio da não-contradição. Não importa o que a coisa apresenta, o ser é interpretado de uma maneira subjetiva, o “ser-para-mim”. Se não há algo objetivo, que sustente a verdade da coisa, neste caso de que o ser humano é “homem” ou “mulher” e que essa verdade seja abstraída do próprio homem enquanto ente, cabe a cada sujeito definir o que lhe é mais próprio, definir a sua própria essência.

Outrossim, a ideologia por ser de viés existencialista, acaba por negar toda a realidade formal das coisas. Não existe uma realidade que defina o modo de ser das coisas e que seja imutável. Logo, o que existe é uma realidade material que nada tem a ver com as escolhas que se devem tomar na vida, inclusive a escolha do próprio gênero. Esquece-se que a diferenciação corporal, no ser humano não afeta somente a morfologia corporal e anatômica, mas, atinge também traços psicológicos, afetivos e cognitivos.

Ser homem ou ser mulher não é ser macho ou fêmea: a sexualidade do homem não corresponde só ao corpo, mas também ao espírito, visto que ambos pertencem à unidade da pessoa. A sexualidade humana, [...], modula também a psicologia e a vida intelectual: os varões e as mulheres possuem diferenças que afetam o modo de ser, de pensar, de comportar-se, de ver as coisas, de estar no mundo. Existem alguns caracteres próprios da feminilidade e outros da masculinidade e, além disso, se complementam: a diversidade, é a origem de um enriquecimento mútuo. (STORK, ECHEVARRÍA, 2005, p. 212-213)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi apresentado a teoria de gênero e suas principais características. A negação da realidade genital do homem e de suas consequências nas diversas dimensões da vida humana é ponto central de tal teoria. Numa linguagem metafísica como já abordado, é a exclusão da essência humana, composta de matéria e forma. Com isso, alcança-se a conclusão de que toda a teoria é fruto da trágica queda da qualidade metafísica dos últimos tempos. Se há uma desvalorização da metafísica, se desvalorizará também a antropologia, porque esta se fundamenta naquela, e como consequência, o próprio *antropos* irá sofrer com tais feitos.

É preciso um retorno à sã filosofia do ser, para que restituindo os princípios fundamentais do ente, dentre eles o de *forma* e o da *não-contradição*, se possa voltar a ter uma sociedade em que o ser humano é levado a sério, e isso em sua integralidade. É lamentável que por causa de uma agenda política e revolucionária, movimentos como o LGBTQIA+ usem dos homossexuais para conseguirem tudo, menos a real valorização e respeito pelos seus direitos.

Nesta atividade de disseminação de tal ideologia, o movimento feminista cumpre papel ímpar para sua plena implantação na sociedade. Esta nova visão de homem e mulher – se é que esses conceitos existem -, ou seja, essa nova antropologia, em que os seres humanos se libertarão de suas amarras negando as realidades mais intrínsecas de sua natureza (como o casamento heterossexual, a maternidade e educação dos filhos) é amplamente divulgada em pautas feministas.

Eis a inquietação que se queria alcançar com esse trabalho: o movimento feminista realmente luta pelos direitos das mulheres? Ao que tudo indica, para o movimento as mulheres são meras bandeiras que são flamuladas pelas ruas, tendo em vista não elas mesmas, mas a negação de sua natureza e a destruição de sua feminilidade, que é vista como tóxica.

A humanidade caminha rumo ao “precipício da ignorância”. O homem esqueceu-se de quem é, esqueceu-se que é homem, ser racional. Nunca foi tão urgente relembrar ao ser humano de que ele é “espírito encarnado”, que possui inteligência e que está cercado por uma realidade que lhe é dada e que nela há coisas que não se pode mudar ao bem querer de alguns. Cabe a cada homem e mulher lutar não somente pelos direitos humanos, mas principalmente pela pessoa humana, tão sacrificada em prol do indivíduo escreverá Maritain (2019). Se um dia tal conceito sumir totalmente da terra, os direitos hoje defendidos com tão grande veemência, serão de quem? Do indivíduo? Dos animais? Dos objetos? Enfim, talvez na mente de alguns ideólogos será de todos aqueles que escolherem simplesmente ser.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ADORNO, T. W. HORKHEIMER, M. **Temas básicos de sociologia**. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo, Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1973.

ALVIRA, T; CLAVELL, L; MELENDO, T. **Metafísica**. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência "Raimundo Lúlio" (Ramon Llull), 2014. 348 p.

AQUINO, T. **O ente e a essência**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. (Vozes de Bolso)

BONNEWIJN, O. **Gender, quem és tu?:** sobre a Ideologia de Gênero. 1. ed. Campinas: Ecclesiae, 2015. 102 p.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero:** Feminismo e subversão da identidade. 21. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021. 287 p.

CAMPAGNOLO, A. C. **Feminismo:** perversão e subversão. Campinas: Vide Editorial, 2019. 379 p.

HAUKE, M. **La teología feminista:** Significado y valoración. 1. ed. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2013. 264 p.

LOMBO, José Angel; RUSSO, Francesco. **Antropologia Filosófica:** Uma introdução. São Paulo: Cultor de Livros, 2020. 326 p.

SCALA, J. **Ideologia de gênero:** neototalitarismo e destruição da família. São Paulo: Katechesis, 2011. 200 p.

STORK, R. Y.; ECHEVARRÍA, J. A. **Fundamentos de antropologia:** um ideal da excelência humana. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio (Ramon Llull), 2005. 389 p.